

Quase nada do atual Núcleo Bandeirante lembra a Cidade Livre, o primeiro acampamento das pessoas que vieram construir a nova capital nos anos 50

MEMÓRIAS NA POEIRA

Arquivo Público



Avenida principal da Cidade Livre (hoje Núcleo Bandeirante), onde ninguém pagava imposto para instalar um comércio, antes da inauguração de Brasília

Daniele Sousa e Silva
Da equipe do Correio

Em 1959, mulheres enfeitadas saíam em caroças, do outro lado da linha do trem, para comprar mantimentos na área comercial do grande canteiro de obras que era Brasília desde 1956. Para as crianças curiosas que as observavam, as mulheres com vestidos e batons vermelhos andavam de charrete (não de carroça) e eram "moças bonitas" e misteriosas, como lembra a funcionária da administração do Núcleo Bandeirante, Auda Lúcia Viana, 48 anos, menina de 8 anos na época. As moças vinham da Zona Boêmia (ZB) ou Zona do Baixo Meretrício (ZBM), local de diversão para os homens que vieram construir a Nova Capital.

Naquela área, a ZB era separada das residências e do comércio apenas pela linha do trem. Onde antes era a Zona Boêmia está começando a nascer um setor de comércio, indústria e armazenamento. A linha férrea está intacta. Abaixo dela, muita coisa mudou.

A disposição das avenidas do Núcleo Bandeirante continua a mesma (das cinco avenidas, apenas a quinta — que era uma invasão até 1960 — desapareceu). Dos barracos que pertenceram à história inicial do lugar, restam poucos. A mais recente perda foi o Hotel São Judas Tadeu, demolido ano passado porque "ficava em cima de dois lotes comerciais, e 70% dele estava em área pública", segundo o administrador Marco Túlio Rios.

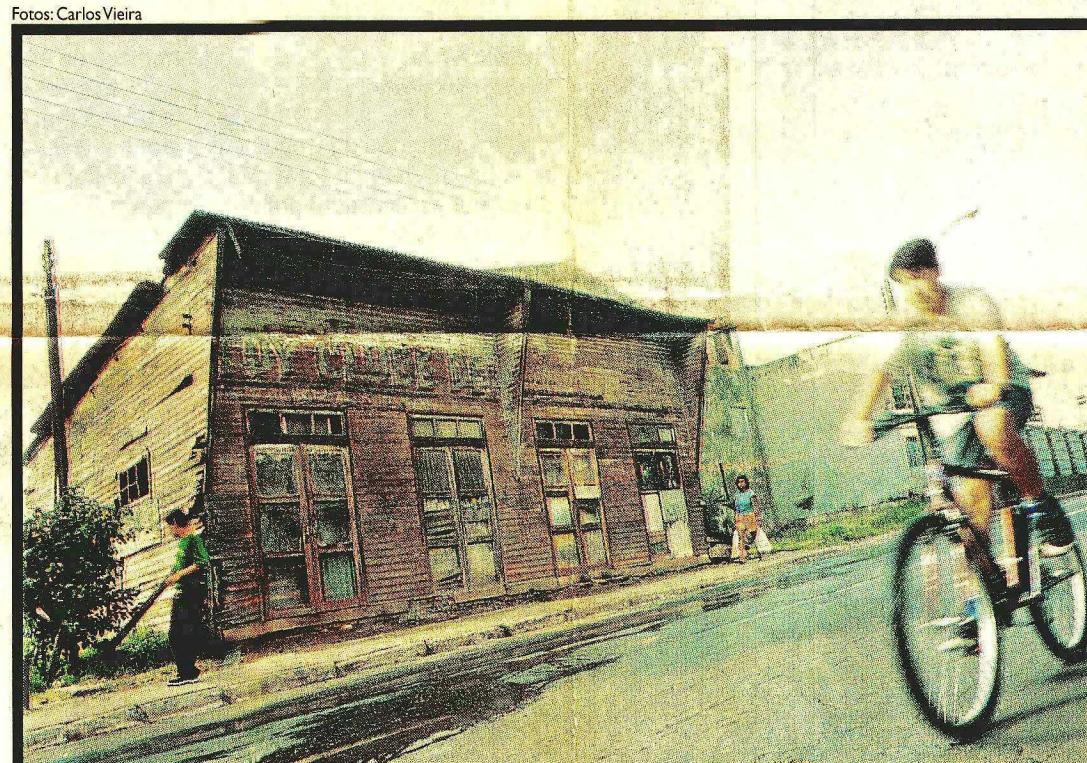
Resistem ao tempo a Igreja Nossa Senhora Aparecida, conhecida como igrejinha da Metropolitana, ainda em funcionamento; o HJKO, primeiro hospital de Brasília, agora Museu Histórico; o Centro de Ensino da Metropolitana e o Toy Clube de Brasília, clube recreativo onde os homens jogavam e bebiam, hoje desgastado, quase por cair.

Todos esses prédios estão cercados de asfalto, meio-fio e calçadas. Paisagem diferente daquele chão que, em dias de chuva, transformava-se em lamaçal.

Todos eles deveriam ter desaparecido. Estavam dentro da Cidade Livre, núcleo pioneiro de comércio, indústrias e serviços que surgiu para dar suporte às obras de Brasília com prazo certo para ser extinto.

O núcleo surgiu em 19 de dezembro de 1956, quando chegavam os primeiros cangangos, e deveria acabar quatro anos depois. Enquanto existisse, deveria abrigar hotéis, bares, restaurantes, cinema, feiras, mercados e até escolas. O governo de Juscelino Kubitschek incentivava a quem quisesse trabalhar e montar negócio na área. Por isso não cobrava taxa alguma por lotes aos interessados. Livre de quaisquer encargos fiscais, o lugar recebeu o nome de Cidade Livre. Ficava em terras doadas por fazendeiros goianos, entre o córrego Vicente Pires e o Riacho Fundo e entre a Rodovia BR 060 e a Rede Ferroviária Federal. Em 20 de julho de 1957, a população da área era de 2.212, segundo o primeiro recenseamento de Brasília, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Quando a Cidade Livre estava prestes a desaparecer, seus moradores realizaram o Movimento Pró-Fixação e Urbanização do local. No dia 14 de dezembro de 1961, foi sancionada a lei 4.020 que



O Toy Clube é uma das poucas construções que resistiram ao tempo e pode ser restaurado pelo governo

fixou o núcleo e deu a ele o nome de Núcleo Bandeirante (a data marca o aniversário da cidade). Dois anos antes, muitos moradores e comerciantes haviam se mudado para Asa Norte, Taguatinga e Gama. Outros ficaram.

Mais do que as estruturas ainda de pé, como o Toy Clube, os antigos moradores fazem parte da memória viva da Cidade Livre. Revivem o local quando contam as histórias da época. Suas experiências particulares se confundem com a trajetória da cidade. Todos tinham em comum o espírito desbravador e muita disposição para trabalhar.

Como enfatiza o médico e historiador Ernesto Silva, 85 anos, "toda pessoa que chegava e era meio malandro ia embora logo porque aqui tinha

muito trabalho a fazer". Silva vive na Asa Sul. Seu primeiro abrigo em Brasília foi o Catetinho, onde se instalou em 1956. Era um dos três diretores da Novacap. Para ele, a Cidade Livre "deveria ter sido conservada, como a antiga capital dos Estados Unidos, que conserva suas características e se tornou atração turística". Em tom de revolta, ele diz: "Nada restou do Núcleo Bandeirante antigo".

Há 41 anos no Núcleo Bandeirante, Philomena Leoponri, 96 anos, também é enfática: "Só restaram os ossos". A primeira

creche da cidade, foi criada por ela há 38 anos e recebe 45 crianças diariamente, que pagam no máximo R\$ 50,00 por mês. "É para não deixar de graça", conta Philomena que acolhe meninos e meninas de até 6 anos e de diversas condições sociais.

A creche mudou de lugar (da Avenida Central para a 3ª Avenida), mas continua sendo a tradicional creche da dona Philó, onde mora. A dona do lugar acorda às 6h para abrir janelas e portas e fiscalizar o trabalho das seis funcionárias.

Essa é a rotina de dona Philomena, que completa 97 anos no próximo sábado, dia 15. Quatro décadas atrás, ela fazia partos. Contou 1800. "De todo mundo, sabe o que eu recebia? Um 'obrigado'.

Era gente pobre, sem nada". Montou também um armário. Não tinha água nem luz. Só os hotéis tinham gerador. Um caminhão pipa trazia a água ou eu ia buscar com lata na cabeça. Banho era de água fria e em barraco cheio de brecha. E era um tal de barraco pegar fogo. A gente usava lâmpião com querosene", lembra.

Dona Philó não podia ver menino na rua que adotava, levava para dentro de casa. Criou 14. Por isso, decidiu montar a creche, mantida com ajuda do marido no início e por Philomena depois da morte do companheiro de 40 anos de vida.

"Uma andorinha só não faz verão. Mas até que eu fiz", conta ela, satisfeita por viver rodeada de crianças. Quando dona Philó tinha o armário, na Avenida Central, morava nos fundos da loja. "No fundo da minha casa moravam os donos da Casa São Luiz. Eram uns japo-

neses que, às 5h, já estavam de pé", ela conta.

Eram os pais de Hélio Hydeo Hashimoto, 43 anos, dono da Casa São Luiz, loja que ainda existe. O pai e a mãe de Hélio deixaram São Paulo, em 1958, para trabalhar na loja que vendia secos e molhados. O nome fantasia do estabelecimento e o local são os mesmos de quando os produtos eram vendidos num barracão de madeira. As mercadorias mudaram. Agora são louças, utilidades domésticas, descartáveis (o que sustentou a loja durante a crise de cinco anos atrás) e fogos de artifício.

Hélio toma conta da Casa São Luiz sozinho desde a semana passada, quando o pai faleceu. A loja está em reforma. A fachada, de fundo branco e letras verdes, pode ser notada de longe. E deve se manter como ponto da história do Núcleo Bandeirante. Hélio diz que não abandonará o ponto e pretende passá-lo para outras gerações. "Aqui foi onde tudo começou", lembra.

Por conhecer de perto a história da cidade e valorizar cada centímetro da casa onde vive, a apontada Ester Barbosa de Azevedo, 77 anos, também diz que não deixará o "Bandeirante". Ela teve uma das primeiras casas de alvenaria do lugar. Conseguiu comprar outra para a filha. As duas conquistas foram compradas depois de muito trabalho e aventura.

"Saí de Pernambuco com três cruzeiros no bolso. Peguei um pau-de-arara. A viagem durou 12 dias e 12 noites. Quando cheguei só tinha barraco, lama e incêndio em 58. As pessoas andavam de galocha porque chovia muito", lembra-se Ester do ano em que desembarcou na Cidade Livre, aos 37 anos, deixando três filhos para trás — que seriam buscados no ano seguinte.

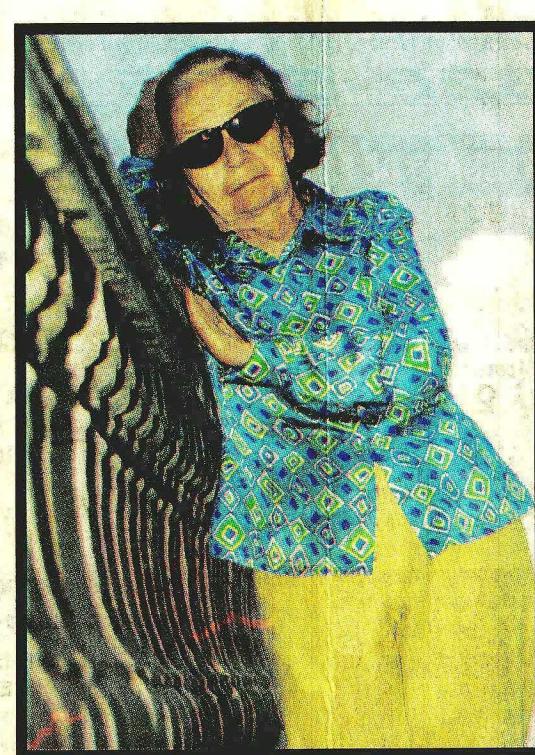
O primeiro emprego foi de cozinheira e servente num bar. "Depois arrumei outro na Metropolitana, na casa de um engenheiro. Aí fui para o restaurante Oásis do Leão e, depois, cozinhei no Grande Hotel. Era movimento aquele tempo. Era gente que não tinha onde botar", conta.

Ao sair do hotel, Ester teve um "boteco" e, em seguida, um restaurante. Ela trabalhava na Avenida Central e morava na 3ª Avenida. "Aluguei um barraco lá embaixo. Não tinha água nem luz. Só os hotéis tinham gerador. Um caminhão pipa trazia a água ou eu ia buscar com lata na cabeça. Banho era de água fria e em barraco cheio de brecha. E era um tal de barraco pegar fogo. A gente usava lâmpião com querosene", lembra.

A moradora da Metropolitana Raimunda Valéria Teobaldo, 86 anos, criou 16 filhos. Ela, o marido e as crianças chegaram no dia 2 de maio de 1959, "empurrados pela seca" que destruiu a plantação de cana-de-açúcar da família. Instalaram-se na 4ª Avenida da Cidade Livre, na casa de um cunhado de Raimunda. Dois meses depois, ocuparam o lote onde dona Raimunda vive até hoje.

Desde então, é zeladora da Igreja Nossa Senhora Aparecida. O marido morreu aos 74 anos, em 1983. Assim como ele, grande parte da cidade não pode mais ser vista. Ficou apenas na memória de quem os conheceu, como as lembranças de dona Raimunda: "Brasília continua a mesma cidade maravilhosa de sempre".

O administrador do Núcleo Bandeirante tem planos de reunir fotos e objetos da época em novo museu próximo à Casa do Pioneiro. "A intenção é reconstruir o Toy Clube e colocar retratos antigos dentro dele. Estamos dependendo de uma resposta do Idhab, que vai dar um lote para a família que vive no Toy Clube", afirma.



Ester Barbosa de Azevedo demorou 12 dias para chegar a um lugar que só tinha barraco e lama